

POLICY BRIEF

O Impacto Triplo: Como Gênero, Raça e Riqueza Moldam a Brecha Educacional no Brasil.

2023



NEES

NÚCLEO DE
EXCELENCIA EM
TECNOLOGIAS
SOCIAIS



**observatório
de equidade
educacional**

NEES - UFAL

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



MEC

Ministério da Educação

Camilo Sobreira de Santana

Secretaria Executiva

Leonardo Osvaldo do Barchini Rosa

Secretaria de Educação Básica

Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt

Diretoria de Monitoramento, Avaliação e Manutenção da Educação Básica (Dimam)

Valdoir Pedro Wathier

Coordenadora-Geral de Monitoramento e Avaliação da Educação Básica

Janaina Ma

UFAL

Reitoria

Josealdo Tonholo

Vice-reitoria

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Instituto de Computação

Davi Bibiano Brito

NEES

Conselho Diretivo

Alan Pedro

Diego Dermeval

Edmilson Fialho

Ig Ibert Bittencourt

Leonardo Marques

Seiji Isotani

Direção Geral

Ig Ibert Bittencourt

Vice-Direção Geral

André Magno

Secretaria Executiva

Mônica Wanderley

Diretoria Executiva de Gestão

Edmilson Fialho

Diretoria Executiva de Operação

Leonardo Marques

Gestão Administrativa de Projetos

Kleber Santos

Gestão de Pessoas e Processos

Shirley Vital

Compliance e Controle

Cleonábula Neves

Comunicação, Marketing e Designer

Otávio Correia

Escritório de Projetos

Washington Almeida

Infraestrutura

Francisco Bruno

Qualidade dos Projetos

Glauber Ferreira

IHC - Interação Humano Computador

Paula Palomino

Observatório de Equidade Educacional

Coordenação geral

Angelina Nunes de Vasconcelos

Vice-coordenação geral

Leogildo Freires

Gerente de Projeto

Otavio Melo

Líder de Pesquisa

Gabriel Fortes

Líder de Tecnologia

Leonardo Silva

Autores

Gabriel Fortes (UAH-Chile)

Leonardo Soares e Silva (IFPE-Garanhuns)

Carine Valéria Mendes (Ufal)

Patrícia de Macêdo (Cidacs/Fiocruz)

Júlio Costa (Ufal), Luan Torres (Ufal)

Sofia Simank (USP)

Angelina Nunes de Vasconcelos (UFAL)

Revisão

Margarida Azevedo

Projeto gráfico

André Agacy

Acessibilidade

Erisson Nunes

Sumário

O Impacto Triplo: Como Gênero, Raça e Riqueza Moldam a Brecha Educacional no Brasil.	6
Resumo executivo	6
Problema Central	7
Conclusões Iniciais	7
Conclusões Iniciais: Recomendações de Política	7
Introdução	8
Interseccionalidade na Educação: Uma Perspectiva Crucial	8
As Limitações da Distribuição de Riqueza na Conquista da Educação Equitativa	9
Método e Análise	10
Método	10
Análise de Variáveis Únicas	11
Análise de Duas Variáveis	12
Análise de Três Interseções	14
Performance em Matemática	14
Discussão	16
Performance em Leitura	18
Discussão	19
Discussão	21
Destaques Finais	22
Discussão Insights para futuras análises	22
Conclusão	23
Recomendações de Política e Implicações Sociais	23
Referências	24

O Impacto Triplo: Como Gênero, Raça e Riqueza Moldam a Brecha Educacional no Brasil.

Resumo executivo

Nossa pesquisa destaca a necessidade de políticas educacionais que considerem a interseccionalidade entre raça, renda e gênero. É imperativo reformar as estratégias de avaliação e monitoramento, incorporando uma perspectiva interseccional. O envolvimento das comunidades na avaliação garante ferramentas robustas e contextualizadas. Neste policy brief, examinamos a relação entre gênero, raça e nível socioeconômico (NSE) no desempenho em leitura e matemática dos estudantes brasileiros do 9º ano do ensino fundamental analisando o SAEB 2021. O panorama mostra que, mesmo com avanço econômico, não há benefícios equitativos para todos os grupos, principalmente quando se analisa raça, gênero e NSE conjuntamente. A metodologia empregada focou em uma análise descritiva, utilizando dados nacionais, com ênfase nas interações trivariadas entre gênero, raça e NSE. **A ideia é que ao aumentar progressivamente a complexidade das intersecções somos capazes de ver processos de superinclusão e subinclusão nos dados, assim tornando visível problemas antes invisibilizados na análise de dados.** Tal abordagem permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas sutis e frequentemente esquecidas que afetam o desempenho acadêmico. Este tipo de análise interseccional possibilitou identificar que alunos com maior NSE superam consistentemente os de menor NSE. No entanto, estudantes brancos e pretos não se aproveitam na mesma proporção, há uma clara vantagem observada para estudantes brancos e brancas. Esses, quando comparados aos estudantes brancos de um mesmo nível NSE, apresentam menor performance. Em estratos mais elevados, as desigualdades raciais são mais pronunciadas, ampliando as disparidades. Nossa abordagem utilizada revelou nuances frequentemente ignoradas sobre o desempenho acadêmico.

Problema Central

Neste Policy Brief refletimos sobre como as disparidades educacionais não são determinadas unicamente por fatores isolados, mas pela intersecção entre diversos fatores como gênero, raça/cor e nível socioeconômico. Existe uma distribuição desigual de oportunidades e recursos, evidenciada pela intensificação das desigualdades raciais, mesmo em estratos socioeconômicos mais elevados. Enquanto o crescimento econômico pode melhorar os resultados acadêmicos em geral, não beneficia todos os grupos de maneira equitativa. Essa complexidade interseccional exige abordagens políticas de avaliação e monitoramento diferenciadas para efetivamente propor ações que ajudem a mitigar os efeitos das iniquidades observadas.

Conclusões Iniciais:

- **A Interseccionalidade é Fundamental:** A disparidade no desempenho educacional é influenciada por múltiplos fatores interconectados, incluindo gênero, raça/etnia e nível socioeconômico. Uma análise abrangente revela padrões e disparidades ocultas que não são imediatamente evidentes ao examinar fatores únicos isoladamente. A interseccionalidade é essencial para **desvendar as profundas disparidades educacionais:** Meninas brancas em estratos socioeconômicos elevados apresentam desempenho superior, enquanto meninos pretos em estratos mais baixos enfrentam desafios significativos. A desigualdade racial se intensifica em estratos socioeconômicos mais elevados, indicando uma distribuição desigual de oportunidades e recursos, mesmo quando as condições econômicas melhoram.
- **O Crescimento Econômico Não é Equitativo:** Embora um nível socioeconômico mais alto se correlacione com melhores resultados acadêmicos, os benefícios não são distribuídos de maneira equitativa. **Estudantes brancos, especialmente meninas em faixas socioeconômicas mais altas, tendem a obter mais vantagens com o aumento da riqueza, levando a uma ampliação da disparidade no desempenho tanto da proficiência de leitura como nos resultados em matemática.**

Conclusões Iniciais: Recomendações de Política:

Adotar uma Abordagem Interseccional na Política Educacional: É urgente a necessidade de pensar políticas de avaliação e monitoramento com recorte interseccional. A natureza multifacetada das identidades dos alunos requer políticas que visibilizem essas diferenças nos permitindo enfrentar os desafios

únicos vividos por diferentes grupos sociais em sua complexidade. Assim, é importante revisar instrumentos de avaliação e monitoramento para garantir que a indução de políticas públicas beneficie diferentes grupos de maneira equitativa.

Promover Currículos com Diversidade e Inclusão: É importante pensar currículos que reflitam experiências culturais diversas e que forneçam treinamento para gestores sobre interseccionalidade e suas implicações para o ensino. É urgente criar programas de intervenção e apoio à recuperação da aprendizagem direcionados a grupos identificados como vulneráveis, especialmente meninos pretos em níveis socioeconômicos baixos.

Enfrentar Desigualdades Sistêmicas: É necessário reconhecer e corrigir vieses históricos e sistêmicos na educação como o racismo estrutural, tendo em conta como as disparidades afetam grupos sociais de maneiras diferentes em seu percurso escolar. Um ponto importante é fortalecer políticas de ações afirmativas, reparação histórica e organização do funcionamento das escolas a partir de princípios de gestão democrática.

Garantir Participação Social e de Comunidades na Formulação de Políticas: Colaborar com comunidades diversas para obter insights, cocriar soluções e garantir que as políticas sejam relevantes e eficazes.

Introdução

Interseccionalidade na Educação: Uma Perspectiva Crucial

A interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), refere-se à natureza interconectada das categorizações sociais, como raça, gênero e nível socioeconômico, resultando em sistemas sobrepostos de discriminação ou desvantagem (CRENSHAW, 2017). No campo da educação, a interseccionalidade não é apenas um conceito teórico, mas uma realidade vivida por muitos estudantes. Ela destaca que as identidades dos alunos são multifacetadas e essas facetas não podem ser examinadas isoladamente, uma vez que são vivenciadas de formas dinâmicas e inter-relacionais.

Crenshaw argumenta que as estruturas de poder e opressão são muitas vezes construídas por meio de processos de super e subinclusão. **A superinclusão ocorre quando uma categoria dominante engloba e ofusca as experiências únicas dentro de um grupo mais amplo, apagando as vivências de subgrupos específicos**, como quando a categoria 'mulheres' é usada de maneira a presumir

universalmente as experiências de todas as mulheres, sem levar em conta a intersecção de raça, classe ou sexualidade. **Por outro lado, a subinclusão acontece quando as interseções de opressão não são reconhecidas, e problemáticas de subgrupos são desconsideradas e excluídas das análises ou políticas gerais por não constituírem a experiência de grupos dominantes.**

Essas ideias apontam para a necessidade do uso de categorias sensíveis a estes processos ao analisar dados nacionais. **Ao examinar o desempenho de estudantes nos dados do SAEB, por exemplo, é fundamental aplicar categorias que permitam a visualização das experiências interseccionais.** Uma análise que não incorpora tais categorias corre o risco de produzir interpretações que contribuem para a invisibilidade de certas experiências e perpetuam a marginalização de subgrupos dentro de categorias amplas. Em outras palavras, ao não reconhecer as diferenças dentro de grupos, políticas educacionais podem falhar em endereçar as necessidades específicas de subgrupos que enfrentam barreiras únicas.

Portanto, ao analisar dados de larga escala, é imperativo ir além das categorias de identidade únicas e adotar uma abordagem que seja verdadeiramente representativa da complexidade das experiências dos estudantes. Isso permitirá que os formuladores de políticas desenvolvam intervenções que sejam tanto inclusivas quanto eficazes, capazes de atender às necessidades de todos os estudantes de maneira equitativa.

As Limitações da Distribuição de Riqueza na Conquista da Educação Equitativa

Embora os recursos econômicos sejam indiscutivelmente cruciais para os resultados educacionais (SOUZA, 2012) e que a distribuição justa destes recursos seja uma política comprovadamente efetiva (GLEWWE, JACOBY, 2004; DIEMER, MARCHAND, MISTRY, 2019), a ascensão de classe social ou acesso a recursos financeiros não se traduz automaticamente em resultados educacionais equitativos.. Isso ocorre porque os desafios enfrentados por grupos marginalizados não são apenas econômicos. Eles também estão profundamente enraizados em vieses e barreiras históricas, sistêmicas e socioculturais (BRADY ET AL 2020) percebidos e vivenciados através de sistemas de poder que afetam grupos sociais de maneiras diferentes. Por exemplo, um programa pode ser implementado para fornecer recursos financeiros diretos a famílias de baixa renda em áreas desfavorecidas. Embora essas políticas tenham como objetivo aliviar a pobreza e melhorar as condições de vida das famílias, ainda existem desafios significativos que vão

além do aspecto financeiro. Os alunos dessas áreas podem enfrentar desafios adicionais decorrentes de décadas de negligência no sistema educacional, vieses sistêmicos na estrutura curricular ou a falta de representação de suas experiências nos materiais educacionais. Portanto, é importante reconhecer que, mesmo com a ajuda financeira, há obstáculos mais profundos que precisam ser abordados para alcançar uma verdadeira igualdade educacional. Além disso, os benefícios do aumento da riqueza podem ser desproporcionalmente direcionados a certos **grupos devido às estruturas e vieses sociais existentes. Em essência, enquanto a riqueza pode fornecer ferramentas e recursos, ela não pode, por si só, abordar os desafios sistêmicos e interseccionais profundamente enraizados que muitos alunos enfrentam.**

Método e Análise

Método:

Utilizando uma abordagem quantitativa exploratória, reconhecida por sua capacidade de identificar e descrever fenômenos complexos no campo educacional (TEO, 2014), esta pesquisa buscou compreender as disparidades no desempenho de estudantes em proficiência em matemática e leitura. Recorrendo aos dados do SAEB 2021 do 9º ano do ensino fundamental, uma fonte amplamente utilizada e validada em estudos educacionais (ANDRADE; LAROS; 2007; LIMA, GRANDIN, 2019), a análise foi estrategicamente organizada em **fases progressivas com intuito de investigar de que maneira a mudança de comportamento das variáveis nos permite ver iniquidades ocultas nos dados.**

A primeira fase se concentrou nas influências isoladas das variáveis gênero, nível socioeconômico (NSE) e raça/cor, enquanto a subsequente explorou combinações interseccionais de duas variáveis, nomeadamente gênero vs. raça, NSE vs. raça, e gênero vs. NSE. **Esta progressão analítica revelou gradativamente as nuances de super e subinclusão, como proposto por Crenshaw (2002). Ao comparar a análise das variáveis isoladas com a análise das variáveis interseccionadas, observamos o surgimento de padrões de desigualdades ocultas; é somente ao intercalar as variáveis que se pode desvelar a complexidade da sobreposição e do entrelaçamento de identidades, trazendo à tona a superinclusão e a subinclusão.**

Esta abordagem interseccional é fundamentada nas ideias de Crenshaw (1989) e Collins (1990), que destacam a importância de considerar múltiplas identidades simultaneamente. **Ao introduzir gradualmente os níveis de interseccionalidade,**

a análise se torna mais refinada, permitindo identificar onde e como certas experiências e desempenhos são obscurecidos ou negligenciados.

A fase final do estudo mergulhou na análise conjunta das três variáveis, objetivando uma compreensão complexa das interações e das conseqüentes disparidades no desempenho educacional. **Esta análise de múltiplas interseccionalidades é essencial para compreender plenamente as dinâmicas de poder invisíveis que se manifestam nos dados de larga escala e que são cruciais para o desenvolvimento de políticas públicas que promovam a equidade e a inclusão no sistema educacional.**

Uma abordagem interseccional na análise educacional, fundamentada em pesquisa acadêmica robusta, é vital para as políticas públicas educacionais no Brasil e no mundo (DARLING HAMMOND, 2010). Ela permite que gestores educacionais desvendem e compreendam de maneira mais profunda as complexas sobreposições de identidades - como gênero, nível socioeconômico e raça/cor - e como essas interagem para influenciar o desempenho acadêmico. Ao se basearem em uma metodologia que considera a interseccionalidade, os gestores são capazes de interpretar dados descritivos de amostras nacionais de forma mais complexa, identificando nuances e padrões que poderiam passar despercebidos em análises mais simplificadas. Assim, essa abordagem orienta a formulação de políticas mais precisas e eficazes, garantindo uma educação equitativa.

Análise de Variáveis Únicas:

A análise de desempenho educacional baseada em variáveis únicas revelou diferenças notáveis nos resultados dos alunos, mostrando que mesmo com variáveis únicas já observamos iniquidades nos dados. No que diz respeito ao gênero, as meninas se destacaram em português/leitura com uma média de 263,523, superando a pontuação média dos meninos, que foi de 249,265. No entanto, a situação se inverteu em Matemática: os meninos obtiveram uma média de 259,167, enquanto as meninas registraram 249,018.

Analisando a variável raça, observou-se uma diferença de desempenho entre estudantes brancos e negros. Em ambas as disciplinas, os alunos brancos tiveram um desempenho superior. Em Português, alcançaram uma média de 270,18, enquanto os estudantes negros tiveram 242,033. A diferença se manteve em Matemática, com os brancos pontuando 266,455 e os negros, 238,853.

Quando observado o nível socioeconômico, notou-se uma correlação direta entre NSE e as pontuações. Aqueles estudantes situados nos níveis socioeconômicos mais elevados, especificamente nos níveis 7-8, obtiveram desempenhos superiores em comparação aos alunos nos níveis 1-2 em ambas as disciplinas.

Assim resumimos:

- **Gênero:** As meninas superaram os meninos em Português (263,523 vs. 249,265), enquanto os meninos tiveram pontuações mais altas em Matemática (259,167 vs. 249,018).
- **Raça:** Estudantes brancos tiveram pontuações mais altas do que estudantes negros em ambas as disciplinas (270,18 vs. 242,033 em Português; 266,455 vs. 238,853 em Matemática).
- **Nível Socioeconômico (NSE):** Níveis mais altos de NSE correlacionaram-se com pontuações mais altas em ambas as disciplinas, com estudantes nos níveis 7 - 8 superando aqueles nos níveis 1 - 2.

Áreas	RAÇA		GÊNERO		NSE			
	Branca	Preta	Masculino	Feminino	1	2	3	4
Língua Portuguesa	270,1	242,0	249,2	263,5	222,3	236,9	274,8	276,8
Matemática	266,4	238,8	259,1	249,0	219,9	232,9	275,8	280,8

Análise de Duas Variáveis:

A análise interseccional de duas variáveis oferece insights mais matizados do que a observação de variáveis únicas, evidenciando como as interações entre diferentes fatores podem influenciar o desempenho educacional.

Ao observarmos a intersecção entre raça e gênero, vemos que estudantes brancos, tanto meninos quanto meninas, tiveram um desempenho superior ao dos estudantes negros em ambas as disciplinas. No entanto, uma nuance intrigante surge aqui: enquanto na análise por variável única as meninas em geral se saíram melhor em leitura e os meninos em matemática, na intersecção de raça e gênero, as meninas brancas apresentaram a pontuação mais alta em Matemática, com 276,596, superando inclusive os meninos brancos.

Na combinação entre NSE e gênero, a correlação entre um NSE mais alto e melhores pontuações se manteve para ambos os gêneros. No entanto, quando comparamos com os resultados de variáveis únicas, uma especificidade se destaca: as meninas nos níveis socioeconômicos mais altos (7-8) alcançaram as pontuações mais elevadas em ambas as disciplinas, indicando uma vantagem particular para este grupo. Percebe-se também que este grupo apresentou maiores ganhos de performance à medida que seu NSE aumenta.

Por fim, a análise da intersecção entre raça e NSE reitera que estudantes brancos superam seus pares negros em todos os níveis de NSE. Também observou-se que o salto de performance entre NSEs para pessoas brancas é significativamente maior que para pretas. Por exemplo, entre um NSE1 e NSE2, estudantes brancos apresentaram uma diferença de 21,9 pontos, enquanto estudantes pretos apresentaram uma diferença de 12,7. Isto sugere que enquanto a escalada no NSE pode trazer benefícios educacionais, ela não é distribuída de forma equitativa entre diferentes grupos raciais.

Esses insights, ao expor interações complexas e sutis entre variáveis, reforçam a necessidade de políticas educacionais mais sofisticadas e atentas às especificidades dos grupos de estudantes.

De maneira resumida:

- **Raça x Gênero:** Estudantes brancos, meninos e meninas, superaram estudantes negros, meninos e meninas, em ambas as disciplinas.
- **NSE x Gênero:** Níveis mais altos de NSE correlacionaram-se com pontuações mais altas para ambos os gêneros, com meninas nos níveis mais altos de NSE (7-8) tendo as pontuações mais altas em ambas as disciplinas.
- **Raça x NSE:** Estudantes brancos superaram estudantes negros em todos os níveis de NSE, com a disparidade aumentando nos níveis mais altos de NSE.

ÁREAS	RAÇA X GÊNERO			
	Masculino e branca	Masculino e preta	Feminino e branca	Feminino e preta
Língua Portuguesa	262,8	233,1	276,5	251,6
Matemática	271,5	242,5	261,9	235,3

ÁREAS	NSE X GÊNERO							
	NSE 1 masculino	NSE 1 feminino	NSE 2 masculino	NSE 2 feminino	NSE 7 masculino	NSE 7 feminino	NSE 8 masculino	NSE 8 feminino
Língua Portuguesa	213,0	229,6	228,6	243,0	266,0	284,8	267,3	291,0
Matemática	223,2	218,4	238,1	230,0	278,3	273,6	280,4	283,3

ÁREAS	NSE X RAÇA							
	NSE 1 branca	NSE 1 preta	NSE 2 branca	NSE 2 preta	NSE 7 branca	NSE 7 preta	NSE 8 branca	NSE 8 preta
Língua Portuguesa	220,6	217,7	242,5	230,4	283,3	254,3	287,2	244,6
Matemática	219,3	214,5	236,8	226,2	283,2	255,2	291,0	248,6

Análise de Três Interseções:

Performance em Matemática

Ao realizar uma análise com interseções em três níveis para o desempenho em Matemática, a complexidade e a riqueza dos dados se intensificam, revelando nuances que uma análise com menos variáveis poderia não capturar.

Essa análise tridimensional oferece insights valiosos que as variáveis isoladas e as interseções de duas variáveis poderiam não revelar. A introdução de um terceiro nível de intersecção permite um entendimento mais refinado e detalhado das dinâmicas em jogo no desempenho acadêmico. Esta abordagem destaca a necessidade de políticas educacionais que reconheçam e abordem a interplay entre raça, gênero e nível socioeconômico para garantir uma educação justa e equitativa para todos, **atentando para as tendências de superinclusão e subinclusão que podem perpetuar desigualdades ou ocultar desafios enfrentados por grupos marginalizados.**

Para os meninos brancos no NSE 1, a pontuação em Matemática foi de 220,761, e aumentou significativamente para 291,192 no NSE 8. Comparativamente, meninos pretos no NSE 1 tiveram uma pontuação de 216,887, e no NSE 8 a pontuação foi de 246,846. É notável que, enquanto a pontuação dos meninos brancos aumentou consistentemente com o NSE, os meninos pretos não seguiram essa mesma trajetória linear, com uma pontuação no NSE 8 até inferior à do NSE 7.

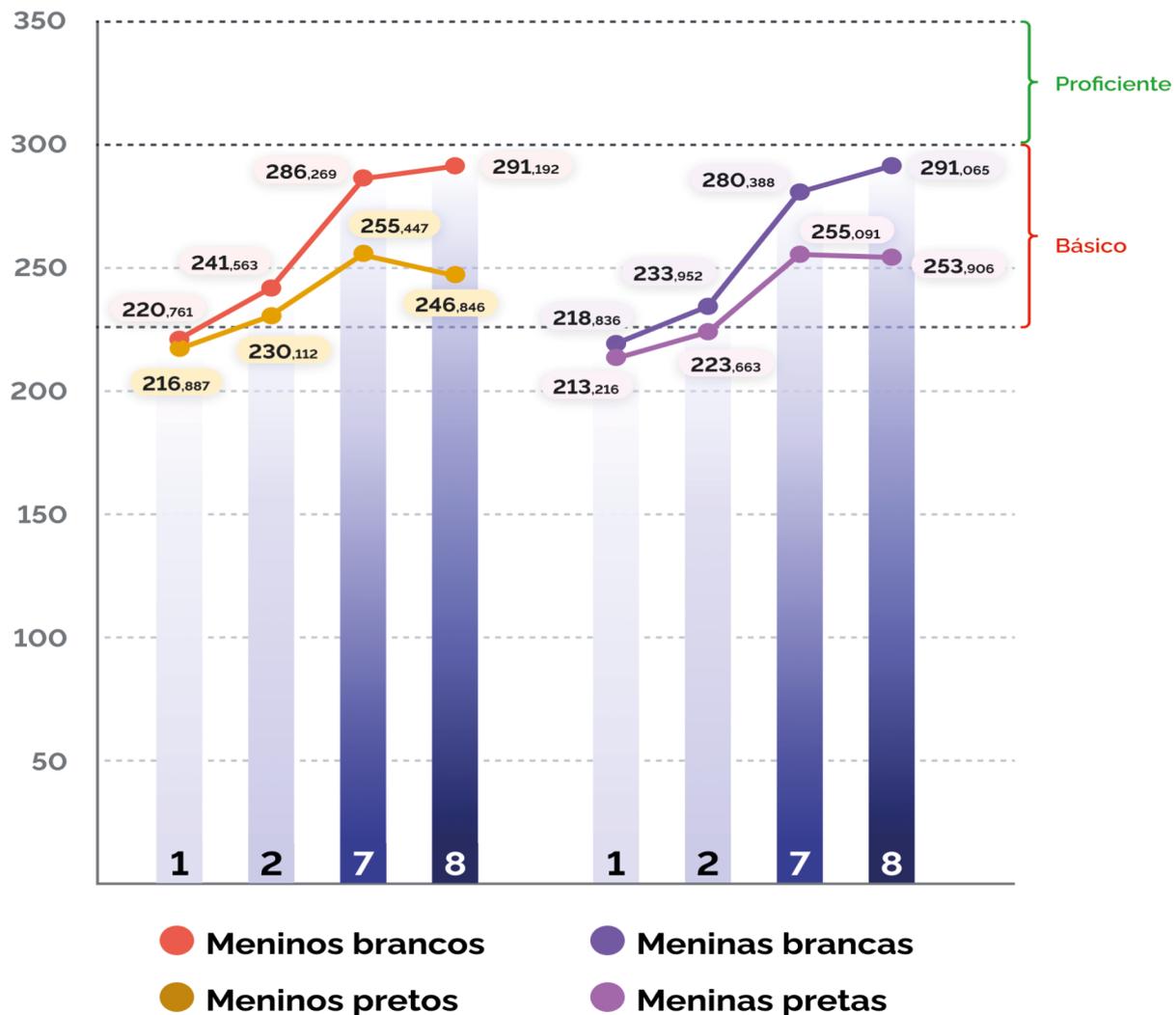
Por outro lado, as meninas brancas começam com 218,836 no NSE 1, e essa pontuação aumenta progressivamente para 291,065 no NSE 8. Em contraste, as meninas pretas iniciam com 213,216 no NSE 1 e alcançam 253,906 no NSE 8. Curiosamente, as meninas brancas, ao alcançar os níveis socioeconômicos mais altos, têm pontuações comparáveis aos meninos brancos. No entanto, as meninas pretas, mesmo nos níveis socioeconômicos mais altos, ainda têm pontuações inferiores às de seus pares masculinos pretos.

Essa análise tridimensional oferece insights valiosos que as interseções de duas variáveis poderiam não revelar. Por exemplo, ela destaca a interação entre gênero, raça e nível socioeconômico de uma maneira que desafia suposições simplistas. O fato de que meninos pretos, no NSE 8, pontuem menos em Matemática do que no NSE 7 é um ponto que requer investigação mais aprofundada e reflete a importância de não generalizar as trajetórias de desempenho com base apenas em uma ou duas variáveis. **A introdução de um terceiro nível de intersecção permite um entendimento mais refinado e detalhado das dinâmicas sociais presentes no desempenho acadêmico.**

Performance em Matemática

Nível sócio-econômico

1 2 3 4 5 6 7 8



Discussão

A análise interseccional dos dados de desempenho em matemática revela padrões de superinclusão e subinclusão que são cruciais para compreender como as intersecções de raça, gênero e nível socioeconômico (NSE) influenciam a educação. A superinclusão emerge no contexto onde o problema de desempenho em matemática pode ser interpretado predominantemente como um problema relacionado ao NSE, sem reconhecer adequadamente como a raça e o gênero interagem com essa variável. No caso dos meninos brancos, cujas pontuações aumentam substancialmente com o NSE, pode-se argumentar que a questão é

percebida como um problema do NSE, obscurecendo como a raça e o gênero contribuem para essa superinclusão no sucesso educacional.

Em contrapartida, a subinclusão é observada nas pontuações das meninas pretas e dos meninos pretos. Para as meninas pretas, o problema de seu desempenho em matemática pode ser parcialmente atribuído ao gênero, mas também é profundamente enraizado nas intersecções com a raça e o NSE. No entanto, este grupo não se encaixa na experiência dominante das mulheres (brancas) ou dos homens (pretos e brancos), portanto, suas experiências são subinclusivas – não totalmente reconhecidas como um problema de gênero ou de raça, mas sim como um problema à parte. A subinclusão se torna evidente quando se compara como meninos e meninas brancos e negros de níveis socioeconômicos mais elevados se beneficiam de diferentes maneiras da mobilidade social. Simplificando, é um problema que permanece invisível atualmente, uma vez que o aumento médio nas pontuações, em geral, não revela a disparidade que existe, ou seja, que os brancos, em geral, conseguem obter um benefício maior de sua ascensão socioeconômica em comparação com meninos e meninas negras.

Essa complexa dinâmica entre gênero, raça e NSE reflete que as meninas pretas, apesar de enfrentarem barreiras por serem mulheres, têm sua experiência ainda mais marginalizada pela intersecção com a raça. Similarmente, os meninos pretos no NSE 8 experimentam uma subinclusão, onde o esperado aumento de desempenho com o NSE não se materializa, possivelmente devido às intersecções desconsideradas do seu gênero e raça.

Portanto, essa análise refinada destaca a necessidade de políticas educacionais e intervenções que sejam sensíveis às intersecções de gênero, raça e NSE, assegurando que problemas de desempenho sejam compreendidos e abordados em toda a sua complexidade, e não apenas através de uma lente que superinclui ou subinclui componentes críticos dessas intersecções.

Em resumo

As intersecções entre gênero, raça e NSE oferecem nuances reveladoras sobre o desempenho em Matemática. Meninos brancos, ao subirem no NSE, veem um aumento consistente nas pontuações, passando de 220,761 no NSE 1 para 291,192 no NSE 8. No entanto, meninos pretos, apesar de começarem de forma similar no NSE 1 com 216,887, apresentam uma trajetória menos linear, alcançando 246,846 no NSE 8. As meninas brancas mostram progresso ao longo dos níveis socioeconômicos, com pontuações crescendo de 218,836 no NSE 1 para 291,065

no NSE 8. Em contrapartida, as meninas pretas começam com 213,216 no NSE 1 e chegam a 253,906 no NSE 8. Estes dados sugerem interações significativas e complexas entre as variáveis estudadas no contexto educacional.

Performance em Leitura

Na análise da proficiência em leitura, a intersecção entre gênero, raça e NSE desvela intrincados padrões de desempenho que reforçam a importância de considerar simultaneamente estas variáveis na interpretação de dados educacionais.

Meninos brancos começam no NSE 1 com uma pontuação de 207,534 e veem um aumento progressivo nas suas pontuações até o NSE 8, onde alcançam 278,518. Contudo, para os meninos pretos, a trajetória é menos previsível. Embora comecem quase em paridade com os meninos brancos no NSE 1, com 208,04, **a curva ascendente é bem menos acentuada. No NSE 8 pontuam 232,526, mostrando uma disparidade crescente em relação aos seus pares brancos.**

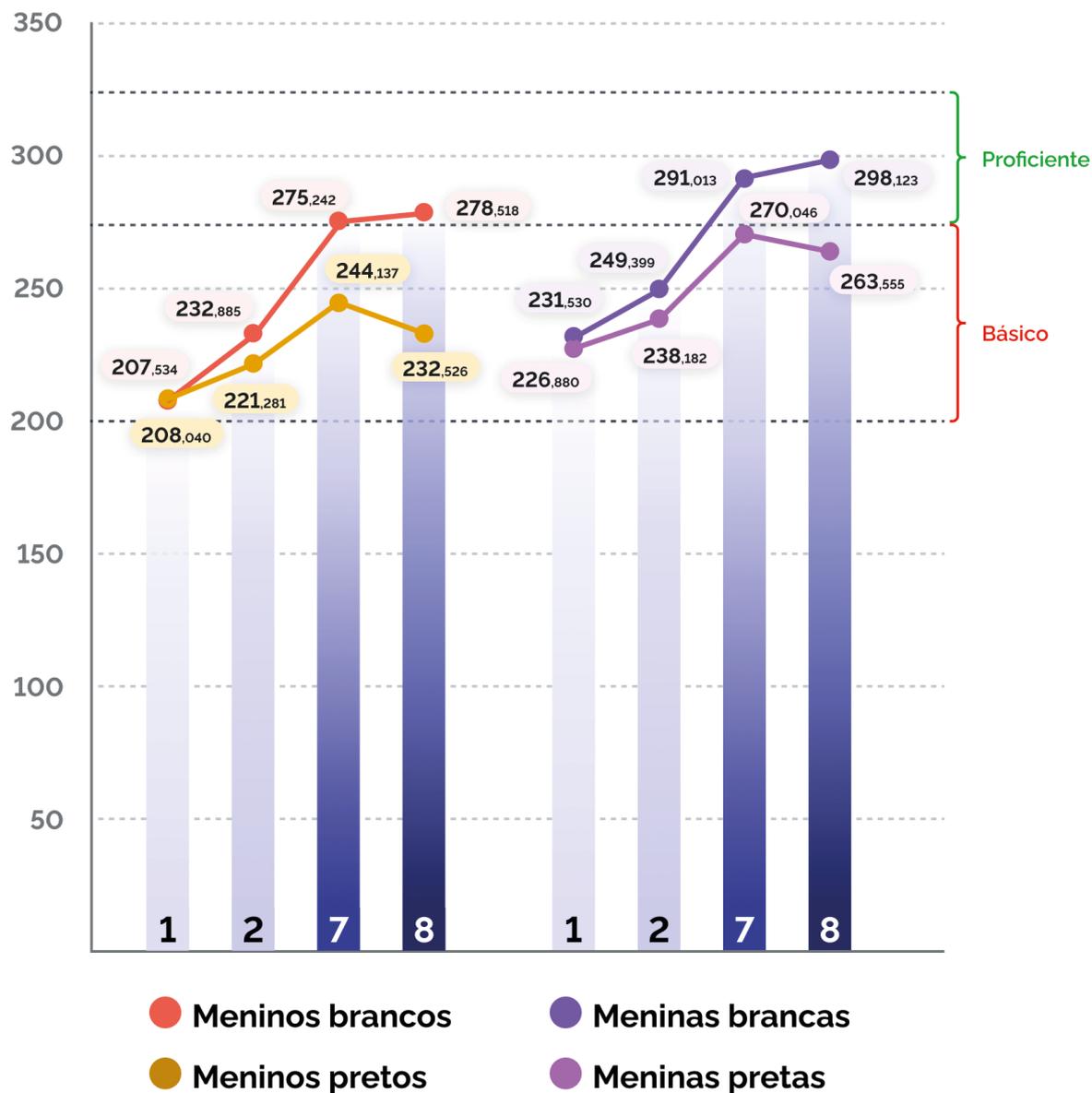
As meninas brancas destacam-se positivamente, começando com 231,53 no NSE 1 e alcançando uma impressionante pontuação de 298,123 no NSE 8. Já as meninas pretas, ainda que iniciem com pontuações próximas às das meninas brancas no NSE 1 com 226,88, não conseguem acompanhar o ritmo de crescimento observado nas meninas brancas, atingindo 263,555 no NSE 8. Em termos de nível de aprendizagem, esse resultado chama ainda mais atenção que os resultados de matemática. Aqui, os ganhos por NSE para os grupos de meninos e meninas brancas significa o salto do nível básico ao nível proficiente em leitura. **Chamamos atenção para o fato de o aumento da brecha de aprendizagem impactar negativamente a população negra de maneira claramente desproporcional.**

Esta análise aprofundada, considerando as intersecções tridimensionais, revela nuances que permaneceriam ocultas em análises bidimensionais ou unidimensionais. As disparidades, que são complexas e multifacetadas, tornam-se evidentes, demonstrando a necessidade de políticas públicas direcionadas que reconheçam e abordem estas particularidades. Ao observar mais detalhadamente a interação entre gênero, raça e NSE, os gestores educacionais podem desenvolver estratégias mais eficazes para abordar desigualdades e garantir que todos os estudantes tenham oportunidades equitativas de sucesso acadêmico.

Performance em Leitura

Nível sócio-econômico

1 2 3 4 5 6 7 8



Discussão

Ao analisar os dados de proficiência em leitura sob as lentes de superinclusão e subinclusão, percebe-se que certos **padrões de desempenho refletem como as intersecções de gênero, raça e nível socioeconômico (NSE) podem resultar em experiências educacionais díspares.**

A trajetória de meninos brancos, que apresentam um aumento consistente nas pontuações de leitura conforme avançam no NSE, pode ser vista como um caso de superinclusão. Isso ocorre porque seus sucessos podem ser atribuídos majoritariamente ao NSE, enquanto as influências entrelaçadas de gênero e raça são relativamente negligenciadas. **Essa tendência sugere que o desempenho em leitura dos meninos brancos é amplamente reconhecido e valorizado, enquanto as complexidades adicionais trazidas pela sua raça e gênero permanecem subrepresentadas quando olhamos para as análises sem a lente interseccional.**

Contrastando com isso, os meninos pretos começam com pontuações quase idênticas aos meninos brancos no NSE 1, mas não experienciam o mesmo crescimento nas pontuações, evidenciando uma subinclusão. **As barreiras que eles enfrentam, que não são meramente econômicas mas também raciais e de gênero, não são plenamente reconhecidas.** A discrepância nas pontuações que se amplia com o aumento do NSE ilustra que a desigualdade não é apenas uma questão de recursos econômicos, mas também de acesso e oportunidades que são filtrados por preconceitos e estruturas de poder.

Para as meninas, a situação é ainda mais complexa. **As meninas brancas demonstram um desempenho excepcional que, apesar de ser comemorado, pode obscurecer a compreensão de como sua raça e gênero influenciam positivamente suas trajetórias educacionais** – um fenômeno de superinclusão que supõe que todas as meninas têm as mesmas oportunidades e experiências. Em contrapartida, as meninas pretas, que começam com pontuações próximas às das meninas brancas, não conseguem manter a mesma taxa de crescimento, uma clara subinclusão. Isso sugere que as experiências das meninas pretas são marginalizadas e suas necessidades específicas não são abordadas de maneira eficaz.

Esses dados ilustram a necessidade urgente de políticas educacionais que não apenas reconheçam a heterogeneidade das experiências de estudantes com diferentes identidades interseccionais, mas que também trabalhem ativamente para dismantelar as estruturas de superinclusão e subinclusão que perpetuam as disparidades educacionais. As intervenções devem ser cuidadosamente projetadas para abordar as intersecções de raça, gênero e NSE, garantindo que nenhum grupo de estudantes seja sistematicamente super ou subrepresentado nos esforços para melhorar o desempenho educacional.

Em resumo

- **Sexo x Raça x NSE:** Esta análise interseccional revelou nuances não visíveis na análise de variáveis únicas ou duplas. Por exemplo, estudantes negros do sexo masculino no nível NSE mais alto (8) tiveram pontuações mais baixas em ambas as disciplinas em comparação com aqueles no nível 7, um padrão não visto em nenhum outro grupo.
- **Padrões Ocultos:** A interseção de três vias descobriu disparidades dentro de grupos que eram considerados homogêneos. Por exemplo, enquanto as meninas brancas nos níveis mais altos de NSE tiveram a pontuação geral mais alta, as meninas negras nos mesmos níveis de NSE ainda ficaram atrás, destacando como problemas estruturais afetam a meninas e meninas de maneira visível nos dados educacionais.

Discussão

Os dados do SAEB 2021 para o 9º ano revelam disparidades significativas em desempenho educacional entre diferentes grupos sociais. No entanto, ao adotar uma lente interseccional, emergem relações mais complexas entre raça, sexo e NSE.

- **Correlação entre NSE e Desempenho:** A correlação entre nível socioeconômico e desempenho acadêmico é incontestável nos dados. Independentemente de raça ou gênero, aqueles situados nos níveis mais altos de NSE (7 e 8) apresentam performance superior em comparação com os níveis mais baixos (1 e 2). **Este padrão endossa o entendimento de que o NSE é um determinante influente no desempenho acadêmico dos estudantes brasileiros, uma conclusão que está em sintonia com estudos anteriores (SOUZA, 2012).**
- **Interseção de Gênero, Raça e NSE:** Analisar o desempenho acadêmico à luz da interseção entre gênero, raça e NSE revela padrões complexos. Por exemplo, meninas brancas nos estratos socioeconômicos mais altos destacam-se positivamente em relação a outros grupos. Em contrapartida, meninos pretos nos níveis socioeconômicos mais baixos enfrentam maiores desafios. **Esse entendimento, que realça como desigualdades se intensificam quando identidades marginalizadas convergem, tem raízes teóricas que datam dos anos 1970 (CRENSHAW, 1989; 2017), mas a análise de grandes conjuntos de dados só recentemente começou a explorar essas nuances (ERNICA, RODRIGUES, 2020). O padrão complexo que emerge da interseccionalidade já vem sendo percebido, porém pouco se enfatiza a necessidade de um olhar interseccional para entender como as desigualdades educacionais**

se experienciam no percurso educacional de maneira complexa para diferentes grupos.

- **Desigualdades Raciais Potencializadas pelo NSE:** É digno de nota que as diferenças de desempenho entre os grupos raciais, já observáveis em níveis socioeconômicos baixos, se amplificam nos níveis mais elevados. **Essa tendência sugere que o aumento de recursos e oportunidades não beneficia igualmente todos os grupos raciais, ressaltando a necessidade de políticas que considerem essas desigualdades, sobretudo em contextos de menor prosperidade econômica** (OAKES, 2011; REARDON, 2011). Embora esse fenômeno não seja amplamente discutido na literatura de economia educacional, alguns estudos têm abordado o tema, apontando para a urgência de políticas públicas direcionadas à proposta de recuperação de aprendizagem específicas.

Destaques Finais:

- **Desempenho Notável de meninas brancas com NSE elevado: meninas brancas, particularmente nos níveis de NSE 7 e 8, destacam-se não apenas quando comparadas com suas contrapartes de NSE mais baixo, mas também em relação a todos os demais grupos.** Uma série de fatores, que vão desde o acesso diferenciado a recursos até expectativas socioculturais, pode estar por trás desse fenômeno.
- **Desafios dos meninos pretos com NSE reduzido: Consistentemente, meninos pretos, em especial aqueles nos níveis socioeconômicos mais baixos, enfrentam os maiores desafios em termos de desempenho acadêmico.** Esse padrão reforça a necessidade de políticas e intervenções que objetivem apoiar e fortalecer essa população específica. No Brasil e no mundo cada vez mais se discute a vulnerabilidade do estudante menino e preto no sistema educacional (NOGUERA, 2003).

Discussão Insights para futuras análises:

- **Profundidade nas causas das disparidades:** É crucial explorar as razões subjacentes às tendências observadas. Por exemplo, quais são os fatores que contribuem para o alto desempenho das meninas brancas em níveis socioeconômicos mais altos? São eles institucionais, culturais ou relacionados a recursos e oportunidades? Esses fatores podem ser encontrados nos questionários do SAEB? Como o observatório poderia ajudar na formulação

de novos questionários ou inserção de novas perguntas nos questionários existentes?

- **Análise de Outros Fatores:** Além de gênero, raça e NSE, seria relevante explorar outras variáveis, como localização (urbano vs. rural), tipo de escola (pública vs. privada), e a influência dos professores.
- **Políticas Públicas e Intervenções:** A partir dos insights obtidos, quais políticas ou programas podem ser implementados para abordar as disparidades observadas? Como essas intervenções podem ser personalizadas para atender às necessidades específicas de diferentes grupos?

Conclusão

A interação complexa de gênero, raça e nível socioeconômico influencia significativamente os resultados acadêmicos. Enquanto cada um desses fatores individualmente impacta o desempenho, seus efeitos combinados revelam complexidades e disparidades mais profundas. Os dados sublinham que o mero crescimento econômico ou distribuição de riqueza é insuficiente para superar a disparidade no desempenho. A verdadeira equidade educacional requer uma abordagem mais holística que reconheça e aborde os desafios multifacetados decorrentes das interseções de vários marcadores de identidade.

Recomendações de Política e Implicações Sociais

- **Reformas Educacionais Holísticas:** As reformas devem considerar a natureza multifacetada da interseccionalidade, garantindo que as políticas sejam inclusivas e equitativas.
- **Engajamento Comunitário:** Engaje-se com comunidades diversas para obter insights e cocriar soluções.
- **Alocação de Recursos:** Garanta que os recursos, tanto em termos de financiamento quanto de materiais educacionais, sejam distribuídos de forma equitativa.
- **Avaliação Contínua:** Avalie regularmente a eficácia das intervenções e ajuste as estratégias com base nos resultados e novas pesquisas.
- **Promova a Conscientização:** Promova a compreensão da interseccionalidade e suas implicações entre educadores, formuladores de políticas e a comunidade em geral.

Referências

ANDRADE, Josemberg M. de; LAROS, Jacob A. Fatores associados ao desempenho escolar: estudo multinível com dados do SAEB/2001. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 23, p. 33-41, 2007.

BRADY, D.; FINNIGAN, R.; KOHLER, U.; LEGEWIE, J. The Inheritance of Race Revisited: Childhood Wealth and Income and Black-White Disadvantages in Adult Life Chances. *Sociological Science*, v. 7, p. 599-627, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought in the matrix of domination. *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*, v. 138, n. 1990, p. 221-238, 1990.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, n. 1, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé W. *On intersectionality: Essential writings*. New York: The New Press, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista estudos feministas*, 10, 171-188, 2002.

DARLING-HAMMOND, L. *The flat world and education: How America's commitment to equity will determine our future*. New York: Teachers College Press, 2010.

DIEMER, M.; MARCHAND, A.; MISTRY, R. Charting How Wealth Shapes Educational Pathways from Childhood to Early Adulthood: A Developmental Process Model. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 49, p. 1073-1091, 2019.

ERNICA, Mauricio; RODRIGUES, Erica Castilho. Desigualdades educacionais em metrópoles: território, nível socioeconômico, raça e gênero. *Educação & Sociedade*, v. 41, p. e228514, 2020.

GLEWWE, P.; JACOBY, H. Economic Growth and the Demand for Education: Is there a Wealth Effect?. *Journal of Development Economics*, v. 74, p. 33-51, 2004.

LIMA, Iana Gomes de; GANDIN, Luís Armando. O contexto da consolidação das

avaliações em larga escala no cenário brasileiro. *Educação & Sociedade*, v. 40, p. e0204183, 2019.

McCALL, L. The complexity of intersectionality. *Signs: Journal of women in culture and society*, v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.

NOGUERA, P.A. The trouble with black boys: The role and influence of environmental and cultural factors on the academic performance of African American males. *Urban education*, v. 38, n. 4, p. 431-459, 2003.

OAKES, J. *Keeping track: How schools structure inequality*. New Haven: Yale University Press, 2005.

REARDON, S. F. The widening academic achievement gap between the rich and the poor: New evidence and possible explanations. In: MURNANE, R.; DUNCAN, G. (Eds.). *Whither opportunity? Rising inequality and the uncertain life chances of low-income children*. [s.l.], 2011.

SOUZA, André Portela Fernandes de. *Políticas de distribuição de renda no Brasil e o BolsaFamília*. [s.l.], 2012.

TEO, T. (Ed.). *Handbook of quantitative methods for educational research*. Dordrecht: Springer Science & Business Media, 2014.

